



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do 25º Salão Internacional do Automóvel**

São Paulo-SP, 29 de outubro de 2008

Meu caro Governador do estado de São Paulo, José Serra,
Meu caro Prefeito Kassab,
Ministros Miguel Jorge e Edison Lobão,
Meu caro Alberto Goldman, Vice-Governador do estado de São Paulo,
Senador Eduardo Suplicy,
Deputados federais aqui presentes,
Deputadas,
Senhor Jackson Schneider, presidente da Anfavea,
Senhor Juan Pablo De Vera, presidente da Alcântara Machado,
Senhor Jörg Henning, presidente da Abeiva,
Senhor Paulo Butori, presidente do Sindipeças,
Senhor Sérgio Reze, presidente da Fenabreve,
Senhora Viviane Sena, presidente do Instituto Ayrton Senna,
Meu caro Grana, presidente da Confederação Nacional dos
Metalúrgicos,
Empresários do setor automotivo,
Fornecedores,
Dirigentes de concessionárias,
Meus amigos e minhas amigas,

Esta 25ª Feira do Automóvel em São Paulo se dá num momento, eu diria, extraordinário do nosso país. E ela se dá num momento em que nós levantamos de manhã, tomamos café com a notícia de crise, almoçamos com a notícia de crise, jantamos com a notícia de crise. E se assistirmos ao jornal da



meia-noite, terá mais crise para quem quiser perder o sono à noite.

Entretanto, é importante que a gente faça uma reflexão de que é uma crise possivelmente tão ou mais séria do que a crise de 1929, é uma crise que nasce no coração da principal economia do mundo, e que depois de nascer na principal economia do mundo se espalha por toda a Europa. E durante todo esse período, desde setembro do ano passado quando ouvimos falar pela primeira vez no *subprime*, eu tenho feito questão de ser uma espécie de pregador do otimismo neste país. Tem gente que não gosta. Tem gente que gostaria que eu também estivesse pregando o pessimismo.

Eu me lembro de uma vez, eu tinha um amigo que tinha tido um enfarto. E todo mundo que tem enfarto, obviamente quem não morre, os que ficam vivos, passam a contar para a gente a história do seu enfarto: a dor no braço, a dor no peito. E esse meu amigo me contou tantas vezes a história do enfarto dele que eu passei a andar, no bolso, com aqueles comprimidos que a gente põe embaixo da língua. Porque eu passei a me imaginar estando num lugar qualquer, sentindo uma dor no braço, uma dor no peito, e não tivesse nem o médico perto e nem o comprimido. Andei, Serra, dois anos com aquele comprimido no bolso, na expectativa de que se viesse a dor... Eu já estava querendo tomar até se doesse o braço direito.

Ora, todos nós sabemos que tem uma crise. Uma crise que nasce um pouco da irresponsabilidade daqueles que querem ganhar dinheiro sem produzir absolutamente nada, daqueles que querem ficar ricos da noite para o dia, como se a economia do mundo fosse um cassino. E nós sabemos que o sistema financeiro, inclusive instituições muito importantes no mundo inteiro quebraram, e que precisou o Estado aportar recursos para que os correntistas que depositavam naquele banco tivessem a garantia de que o seu dinheiro não iria desaparecer.

Se nós analisarmos as crises que tivemos nos anos 90 – a asiática, a russa e a mexicana –, nós vamos chegar à conclusão de que as três juntas,



que causaram muitos problemas ao Brasil e a outros países emergentes, as três crises juntas envolveram aproximadamente US\$ 200 bilhões. Esta crise já envolveu mais de US\$ 4 trilhões e ainda não se sabe se já chegou ao fundo do poço e se vai começar, agora, o poço a encher outra vez. O dado concreto é que em alguns países essa crise já começa a chegar na economia real. Certamente, nós temos perspectivas de que terão problemas de diminuição de consumo em alguns países importantes, a começar pelos Estados Unidos da América do Norte.

Entretanto, eu fiz questão de vir a essa Feira porque amanhã de manhã eu tenho que tomar café lá em El Salvador, em São Salvador, com o Evo Morales, para discutir também a relação Brasil-Bolívia. Eu fiz questão de vir a essa Feira pra dizer que nós temos que olhar para a crise com a atenção que ela merece de nós, mas nós não podemos entrar em síndrome de pânico e paralisar as nossas atividades por causa da crise. Por que?

Primeiro, porque o sistema financeiro brasileiro é sólido e está provado que é mais sólido do que os deles que tentavam nos ensinar como fazer as coisas. Segundo, porque nós temos uma capacidade de mercado interno que eles não têm de crescimento como o nosso, porque eles já cresceram demais em outros tempos. Terceiro, porque nós temos uma diversificação na nossa balança comercial infinitamente mais ampla do que a gente tinha há algum tempo. Tudo isso são indicadores favoráveis ao nosso país, além das reservas que nós temos, além do dinheiro do compulsório, além do sistema financeiro mais sólido.

Agora, nós acabamos de receber a informação a mim transmitida pelo ministro Guido Mantega e pelo ministro Meirelles, que o Banco Central americano disponibilizou hoje US\$ 30 bilhões em troco de reais para permitir que o Brasil tenha, além dos 206 de reservas, mais US\$ 30 bilhões para facilitar a vida, sobretudo daqueles que precisam exportar. E ontem já começou



a funcionar a conta CCC que permite que os nossos exportadores tenham tranquilidade.

Ontem eu chamei o Schneider no meu gabinete aqui em São Paulo... na sexta-feira haverá uma reunião entre o ministro Meirelles e o ministro Guido Mantega com a indústria automobilística para que a gente discuta todos os instrumentos necessários para não permitir que uma indústria de ponta como a indústria automobilística, que tem uma cadeia geradora de empregos como tem a indústria automobilística, possa sofrer qualquer problema por falta de crédito: este é um problema sério que nós estamos enfrentando.

Portanto, tanto o Banco do Brasil como a Caixa Econômica Federal, pela medida provisória que mandamos ao Congresso Nacional, estarão a disposição para comprar tantas quantas carteiras for necessário, sobretudo de bancos de investimento e de empresas financeiras da própria indústria automobilística que nós queremos irrigar para que não falte crédito. Porque não é possível que na hora que o pobre começa a ter acesso a um carro neste país apareça uma crise americana que atrapalha o brasileiro até no direito de comprar o seu carro.

Então, nós vamos tomar conta de alguns setores da economia que nós achamos que são cruciais. Um deles... eu quero reafirmar aqui o que eu já disse pros presidentes da indústria automobilística, e nisso estão de acordo comigo o governador, o prefeito, o vice-governador e eu diria todas as pessoas de bom senso no Brasil, para que a gente não tenha esse setor dinâmico passando pelas privações que passaram nos anos 80. A segunda coisa é também ainda no setor automobilístico, o crédito Fname, para garantir que as indústrias que produzem máquinas e implementos agrícolas possam continuar a produzir e a vender, não apenas para o Brasil, mas vender para outros continentes.

A terceira é a questão da construção civil. Nós estamos vivendo um momento excepcional da construção civil. Obviamente nós precisamos cuidar



de duas coisas: primeiro, do crédito para as pessoas que querem comprar casa, do financiamento para os empresários que querem investir, e ao mesmo tempo, um quarto problema, que é garantir capital de giro para pequenas e médias empresas brasileiras continuarem tocando suas atividades sem causar dano a economia brasileira.

Eu não quero dizer para vocês, não quero nem ser profeta do apocalipse nem quero ser o vendedor aqui do máximo de otimismo, não. Eu quero apenas dizer para vocês: este país nunca esteve tão bem para enfrentar essa e outras crises. O que nós não podemos é aceitar que o pânico, o medo, a desconfiança, gerem qualquer problema da gente fazer as compras que a gente tem que fazer.

Esses dias, Serra, eu fui a um comício do Marinho lá em São Bernardo e eu disse ao povo: “olha, eu acho que vocês têm que comprar”. As pessoas terminaram o comício foram para o bar tomar cerveja e falaram: “vamos beber que o presidente mandou a gente gastar”. Eu acho que com bom-senso as pessoas que tiverem um plano para comprar o seu carro, para comprar sua geladeira, para comprar sua televisão, obviamente tem que medir o tamanho da prestação dentro daquilo que é o orçamento que vai pro seu bolso no final do mês. Acho que as pessoas têm que continuar comprando, porque se acontecer o contrário, aquilo que ainda não é crise na produção brasileira, passa a ser. Na hora em que as pessoas deixarem de comprar, a empresa deixa de produzir, o comércio deixa de vender, o Serra vai perder imposto, o Kassab vai perder imposto, o governo federal vai perder imposto. Aí, a crise, que ainda não chegou no setor produtivo brasileiro, pode chegar se a gente permitir que o pânico tome conta das nossas atividades cotidianas.

Por isso, eu queria fazer um apelo à indústria automobilística. No começo deste ano vocês me anunciaram investimentos da ordem de US\$ 22 bilhões no Brasil, até 2010. O Serra recebeu oferta de muitas empresas que iam se instalar aqui. E eu queria dizer para vocês que não há nenhuma razão



para vocês pararem com os investimentos. Este país ainda tem um potencial muito grande de mercado interno. Eu já disse para todo mundo que não me negarei a ser garoto-propaganda dos produtos brasileiros, para abrir novos mercados em lugares que o Brasil ainda tem potencial para vender. E a América Latina, nós ainda nem chegamos perto de atender o nosso potencial, e acho que o momento é de ousadia.

Quando a gente vai visitar um paciente amigo da gente num hospital, a gente não fica doente porque ele está doente. E tampouco a gente vai dizer para ele: “Olha, conheço alguém que morreu com essa doença”. A gente vai dizer para ele: “Olhe, levante a cabeça, tenha fé que você vai sarar”. É assim que a gente tem que dizer.

Não há nenhuma razão para o Brasil entrar numa crise psicológica. As dificuldades que alguns países têm, nós não temos. Nós já liberamos R\$ 100 bilhões do compulsório para irrigar o crédito neste país. Nós temos mais dinheiro do compulsório, temos as reservas para poder garantir as nossas exportações, e temos muita capacidade produtiva.

Eu, como Presidente da República, queria terminar dizendo para vocês: espero que a suntuosidade desta Feira demonstre, primeiro, que nós não somos um país de Terceiro Mundo, ou seja, nós somos um país que pode disputar, em igualdade de condições, com os países do Primeiro Mundo. Segundo, quanto mais investimentos vocês fizerem, mais consumidores nós vamos criar para este país.

Eu espero que no dia 15, na reunião do G-20 Financeiro, em que 20 países vão discutir a questão da crise internacional... E vocês podem saber que o mercado financeiro internacional precisa de regulação. Não pode todo o setor da economia ser regulado e a especulação financeira não ter regulação. É preciso que as pessoas levem mais a sério que o sistema financeiro, que já ganha muito dinheiro, pode continuar ganhando muito mais dinheiro sem precisar fazer da ação do sistema financeiro uma jogatina de Las Vegas.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Investindo na produção todos nós ganharemos.

Por isso, eu espero que a indústria automobilística continue vendendo os carros como vinha vendendo nos últimos anos. Se tiver problema em financeira de indústrias, na sexta-feira eu espero que vocês coloquem, com muita abertura, para o Ministro Guido e para o Meirelles, para que a gente possa dar aos consumidores brasileiros que querem ter direito à sua paixão nacional, comprar o seu carrinho em suaves prestações.

Um abraço. E boa Feira para todos vocês.

(\$211A)